



# Nota de Apresentação

## Ler o século XXI: a novíssima ficção portuguesa

### *Reading the 21st century: the brand new Portuguese fiction*

A novíssima ficção portuguesa tem se caracterizado pelo estabelecimento de diferentes e diversas abordagens, além de distanciamentos do contexto histórico, tão peculiares à natureza dessa produção literária. Com efeito, encontramos no cenário da prosa ficcional uma variedade extensa de nomes, de experimentos estéticos e temáticos que constituem uma importante percepção e problematização do sujeito português no século XXI. Pensar, portanto, a ficção portuguesa hoje significa refletir a respeito de uma dinâmica modificação nas abordagens identitárias e nas manifestações do imaginário cultural.

Num breve olhar comparativo, o século XX surge marcado pelas grandes guerras mundiais, pela guerra de libertação em África e pela ditadura salazarista. Não deixa de ser uma espécie também de “era dos extremos”, como percebeu Eric Hobsbawm (2003), de onde se erige um tempo de ficções que se constituem a partir de um caráter nacionalista e libertário. Sob a égide de uma liberdade idealizada e desejada, a literatura portuguesa despontou a partir de suas diferentes correntes literárias, num nacionalismo que se manifestava em diferentes estatutos de representação.

Já o século XXI demarca no campo literário português uma nova interpretação da literatura como representação do indivíduo. Abre-se o caminho para a internacionalização, a pluralidade e o cosmopolitismo. A ficção portuguesa descentra-se de sua história, das fronteiras identitárias e territoriais e torna-se maior e mais vasta, ampliando e multiplicando seu olhar para os sujeitos, tornando-os universais. De acordo com Miguel Real (2012), em *O romance português contemporâneo (1950-*

2010), as narrativas do final do século XX e do início do século XXI não se direcionam para o público português apenas, com uma especial fundamentação na história e na realidade portuguesas, mas para um leitor plural, global e cosmopolita.

Evidencia-se esse cosmopolitismo nas identidades constitutivas das personagens, nas alterações geográficas, nas discussões sobre gênero, nas intertextualidades, nos experimentalismos, na fragmentação narrativa, na variação de dispositivos narratológicos, dentre outros aspectos, constituindo-se plural e diversificada. Nesse âmbito, surgem “novos autores, novas temáticas (europeias, africanas e americanas), novos estilos, novos campos lexicais e semânticos, refletores de novos costumes, e novas construções” (REAL, 2012, p.161).

Assim, essa diversidade da/na ficção portuguesa contemporânea – nomeada aqui de “novíssima” porque não incide sobre a idade civil do(a)s seus/suas autore(a)s, mas sobre a data de surgimento das obras ficcionais a partir dos anos 2000 – implica em múltiplas configurações e experiências, difundindo-se como universal e alicerçando sua legitimidade no mundo cultural. Pode-se, talvez, procurar, na atualidade, a construção de um cânone dessa literatura, mas este se alicerça num terreno variável e que apresenta aspectos comuns e reconhecíveis. Sublinha-se, portanto, a razão e a importância das reflexões e pesquisas sobre questões pertinentes ao estudo dessa produção.

É preciso, ainda, esclarecer que esse critério de enquadramento das obras e do(a)s autore(a)s não compõe uma norma rígida e inegociável. Tanto assim é que, em pelo menos dois estudos integrantes da nossa proposta de dossiê, acolhemos duas leituras extremamente pertinentes nas suas abordagens. Tal como acontece com H. G. Cancela, também Possidónio Cachapa surge nos últimos anos da década de 1990. No entanto, as produções de ambos os autores continuam nessas primeiras décadas do século XXI e direcionam-se de forma incisiva para os principais problemas da atualidade, tais como os acima mencionados, permitindo-nos, assim, entendê-los como escritores plenamente conectados com a produção ficcional portuguesa do momento.

É, pois, a partir da percepção desse riquíssimo elenco artístico-literário, que a *Revista do Centro de Estudos Portugueses*, da Faculdade de Letras da UFMG, apresenta o dossiê temático “A novíssima ficção portuguesa”, com ensaios, resenhas e entrevistas que integram reflexões

atuais e relevantes sobre os mais variados temas que o(a)s escritore(a)s português(a)s têm a oferecer aos leitores.

Compreendendo, portanto, que, dentro desse conjunto, a data de “nascimento” do(a) autor(a) no campo da ficção é a premissa central para o seu enquadramento, o dossiê abre com o interessante ensaio de Isabel Pires de Lima, intitulado “A arte capicua da comutação: *Ara*, de Ana Luísa Amaral”. Nele, a professora emérita da Faculdade de Letras da Universidade do Porto analisa o romance inaugural da escritora, apontando as virtualidades e o ludismo romanescos na obra.

Em seguida, “O conto português no século XXI: apontamentos sobre *Teatro Vertical*, de Manuel Alberto Vieira”, artigo de Ana Rita Sousa, apresenta-nos uma leitura das características do conto, tomando como ponto de partida os textos de Manuel Alberto Vieira, enunciando suas características narrativas à luz de teóricos como Ricardo Piglia.

A obra do escritor português H. G. Cencala é o objeto de investigação de Claudia Capela, em “Dissecta membra, as profanidades de H. G. Cencala”. Nele, a pesquisadora propõe uma percepção da obra do autor a partir das ideias de apropriação e interdiscurso, através da análise de vários aspectos de diferentes obras.

“Reflexões sobre personagens melancólicas: um olhar sobre o romance de João Tordo” é a contribuição aos estudos da novíssima ficção portuguesa, de José Luis Giovanoni Fornos. O ensaio parte da ideia de melancolia, tal como estabelecida por Freud e Agamben, a fim de analisar as personagens da narrativa que habitam lugares geograficamente não identificados.

Num dossiê sobre a novíssima ficção portuguesa não poderia faltar o nome de Alexandra Lucas Coelho, escritora diversas vezes premiada pelas suas obras. Nesse sentido, aqui, a autora de *E a noite roda* (2012) compõe o *corpus* das análises de Thadyanara Wanessa Martinelli Oliveira e Mariana Letícia Ribeiro. As autoras trabalham, respectivamente, com *O meu amante de domingo* (2014) – que acaba de sair publicado no Brasil, sob a chancela da editora Bazar do Tempo –, a partir de considerações acerca da paratextualidade, e com *Deus-dará* (2016), numa abordagem centrada a respeito de questões da identidade portuguesa.

Outra autora também presente nesse conjunto de artigos e estudos é Patrícia Reis. A partir de um arcabouço teórico composto por Didi-Huberman, Vladimir Safatle e Lélia Parreira Duarte, Carlos Roberto dos Santos Menezes elabora uma leitura da novela *O que nos separa dos*

*outros por um copo de whisky* (2014), procurando analisar os mecanismos de recuperação de “imagens fantasmáticas” do passado do protagonista, “por meio de vestígios memorialísticos que se sobrepõem nas malhas textuais”.

Valendo-se da análise das personagens femininas, Daniela de Almeida Nascimento aponta-nos para uma perspectiva muito interessante acerca do romance *A vida sonhada das boas esposas* (2019), de Possidônio Cachapa, partindo das ideias do feminismo crítico e dos estudos pós-coloniais.

Já o romance *Flores* (2015), de Afonso Cruz, é abordado por Nayara Meneguetti Pires, numa proposta de análise das personagens principais, a partir da ideia de uma dicotomia de comportamento e visão de mundo, tomando como suporte de leitura a proposta de leveza, definida por Ítalo Calvino, em *Seis propostas para o próximo milênio* (1997).

Valentina Figuera Martínez, em “Reminiscências da tradição em *A vida inútil de José Homem*, de Marlene Ferraz”, investiga a construção do romance, levando em consideração seus aspectos constitutivos e as ideias de multiplicidade (conceito também defendido por Ítalo Calvino, no ensaio acima citado) e de tradição.

“A representação da mulher na família burguesa oitocentista: uma análise do romance *Rio do Esquecimento*, de Isabel Rio Novo”, de Wilian Augusto Inês e Bruno Vinicius Kutelak Dias, constitui uma leitura da família burguesa, das manifestações do autoritarismo masculino e da submissão da figura feminina, a partir das personagens do romance de estréia de Isabel Rio Novo.

Por fim, encerrando o dossiê, Ailton Pirouzi Júnior e Mariana Daminato Alves trazem o romance *Dias úteis*, de Patrícia Portela, analisando-o a partir da presença dos paratextos e como estes ganham uma dimensão reverberativa na construção da arquitetura ficcional.

Integrando o número, a seção "Varia" compõe-se de três artigos diversos em seus temas: Erick Gontijo Costa contempla a obra de Ana Hatherly, a partir da composição plástica de seus textos; Maria João Albuquerque Simões apresenta-nos uma leitura das personagens e seus propósitos no romance *Os memoráveis*, de Lídia Jorge; e Tainara Quintana da Cunha investe suas atenções na análise comparativa das personagens e suas figurações em *Viver com os outros*, de Isabel da Nóbrega, e *Os íntimos*, de Inês Pedrosa.

O dossiê conta ainda com a densa e instigante entrevista do escritor português Hugo Gonçalves (“A curiosidade, a forma de olhar o mundo e de o contar”), com Jorge Vicente Valentim. Esse encontro celebra a estreia do autor no Brasil, com a publicação de *Mãe* (2021), pela chancela da editora Companhia das Letras.

Por fim, a seção de resenhas traz apresentações breves e sedutores convites à leitura de diferentes obras de nomes da novíssima ficção portuguesa, algumas delas lançadas recentemente no Brasil. Dentre elas, *As telefones* (Relógio d’Água, 2020) e *A visão das plantas* (Todavia, 2021), de Djaimilia Ribeiro, resenhas respectivamente assinadas por Roberta Guimarães Franco e Renan Henrique Messias de Paulo; *Não se pode morar nos olhos de um gato* (Dublinense, 2018), de Ana Margarida de Carvalho, por Antônio Martins da Silva Júnior; e *As aves não têm céu* (Porto Editora, 2020), de Ricardo Fonseca Mota, por Carlos Henrique Fonseca. Tal como descrito, o dossiê contempla diferentes visões acerca da novíssima ficção portuguesa, através do estabelecimento de relações entre os aspectos literários, filosóficos, identitários, imagéticos e históricos da literatura. Os textos aqui apresentados procuram, sobretudo, compor um interessante e múltiplo painel dessa produção contemporânea, vasta e singularmente aberta às mais diversas abordagens e leituras. Destacamos, ainda, o fato de que uma parte significativa dos artigos aqui apresentados constitui resultado direto das últimas edições do curso de extensão “A novíssima ficção portuguesa” (ProEx/UFSCar), coordenado por Jorge Vicente Valentim, com a participação contínua de Gabriela Silva, e oferecido semestralmente.

A todos os integrantes e colaboradores, os nossos sinceros agradecimentos pelas riquíssimas contribuições. Aos autore(a)s português(a)s aqui contemplado(a)s o nosso abraço caloroso e cordial. Aos leitores, fica convite para uma leitura salutar e produtiva. Bem haja!

Porto Alegre (RS) / São Carlos (SP), 3 de agosto de 2021.

Gabriela Silva (UFLA)  
Jorge Vicente Valentim (UFSCar/CNPq)

## Referências

HOBSBAWM, Eric. *A era dos extremos. O breve século XX (1914-1991)*. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

REAL, Miguel. *O romance português contemporâneo (1950-2010)*. Lisboa: Caminho, 2012.